

TRAÇOS DA PÓS-MODERNIDADE NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA DO  
CONTO “O SEXO NÃO É UMA COISA TÃO NATURAL”, DE SÉRGIO  
SANT’ANNA

*TRACES OF POSTMODERNITY IN THE CONTEMPORARY FICTION OF THE  
SHORT STORY “O SEXO NÃO É UMA COISA TÃO NATURAL”, BY SÉRGIO  
SANT’ANNA*

Francyéle Ribeiro da Silva<sup>1</sup>  
Patrícia Francyane Lopes Príncipe<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a destacar e analisar, numa condição dita pós-moderna, as características da literatura brasileira contemporânea presentes no conto “O sexo não é uma coisa tão natural” (2007) de Sérgio Sant’Anna, tais como o hibridismo de gêneros, a intertextualidade, a sexualidade explícita e o caráter experimental da escrita literária. Para tanto, utilizamos como subsídios teóricos os trabalhos de Zygmunt Bauman (2000), Beatriz Resende (2008), Tânia Pellegrini (2001/2008), Silviano Santiago (2002) e Linda Hutcheon (1991), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura Brasileira contemporânea; pós-modernismo; Sérgio Sant’Anna.

**ABSTRACT:** This article aims to highlight and analyze, in a post-modern condition, the features of Brazilian contemporary literature present in the short story “O sexo não é uma coisa tão natural” (2007) by Sérgio Sant’Anna. Among them we have the hybridization of genres, intertextuality, explicit sexuality and the experimental character of literary writing. In order to do so, we use the books of Zygmunt Bauman (2000), Beatriz Resende (2008), Tânia Pellegrini (2001/2008), Silviano Santiago (2002), Linda Hutcheon (1991), among others, as theoretical basis.

Keywords: contemporary Brazilian Literature; postmodernism; Sérgio Sant’Anna.

---

<sup>1</sup> Especialista em Estudos Contemporâneos em Literatura — UENP.

<sup>2</sup> Especialista em Estudos Contemporâneos em Literatura — UENP.

A literatura brasileira contemporânea é indiscutivelmente marcada pela diversidade. Segundo a crítica literária Beatriz Resende (2008), a primeira constatação que salta aos olhos quando se pensa em literatura brasileira contemporânea é a de fertilidade (multiplicidade) dessa forma de expressão. Para justificar tal constatação, a crítica salienta que novos escritores e editoras têm surgido todos os dias no território brasileiro, que se publica muito, e que, portanto, se comenta e se consome literatura no Brasil. Além disso, nos últimos anos surgiram prêmios literários com valores bem maiores que no passado.

Resende entende a multiplicidade como heterogeneidade que se revela na linguagem, nos formatos, na relação autor-leitor, nos temas, nas múltiplas convicções sobre o que é literatura e no suporte, que na nossa era informatizada não se limita mais à declamação ou ao papel.

Quanto aos escritores brasileiros contemporâneos, o que se pode perceber é que estes não se organizam em um conjunto que pensa de modo semelhante e que possui resoluções formais parecidas. Assim sendo, eles “[...] não se veem como um grupo, pois não há um movimento e/ou manifesto literário que venha junto com a criação” (BRANDILEONE, 2013, p. 17), ou seja, não há na literatura produzida a partir de 1980 um projeto estético único,

[...] cujos traços possibilitem defini-la sob um rótulo, como é o caso, por exemplo, da literatura produzida durante a ditadura militar que já é, consensualmente, denominada “literatura pós-64”, ou então de outros movimentos estéticos como os que congregaram os modernistas e/ou os poetas concretistas, em que conseguia vislumbrar um projeto literário comum. (BRANDILEONE, 2013, p. 17)

Devido ao grande número de autores contemporâneos, fica impossível citar o nome da maior parte deles. No entanto, elencamos alguns nomes que Resende (2008) destaca como pertencentes a um importante rol de escritores da nossa literatura

contemporânea. São eles: Milton Hatoum, Rubens Figueiredo, Marçal Aquino, Bernardo Carvalho, Paulo Lins, Rubem Fonseca, Silviano Santiago, Sérgio Sant'Anna, Marcelo Mirisola, Luiz Ruffato, Adriana Lisboa, André Sant'Anna, Marcelino Freire, Santiago Nazarian, João Paulo Cuenca, Paloma Vidal, Joca Terron, Clara Averbuck, dentre tantos outros.

Considerando este contexto múltiplo, buscamos evidenciar neste artigo a figura de Sérgio Sant'Anna, “[...] grande autor, cujo nome se afirma na década de 1980 e que consolidou sua presença no nosso contexto literário na década seguinte [...]” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 34).

Sérgio Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1941, formou-se em direito, mas sempre se dedicou à literatura, apesar de admitir em entrevistas que nunca viveu dela exclusivamente. É reconhecido e considerado como um dos melhores contistas brasileiros. Já em seu primeiro livro, *O sobrevivente* (1969), despontou como escritor promissor e através deste entrou para o *Writing Program* da Universidade de Iowa (EUA), que durou de 1970 a 1971. Publicou seu primeiro romance em 1975, chamado *Confissões de Ralfo: uma autobiografia imaginária*, criada em meio a uma tendência literária de vanguarda e experimental, que cumpre com seu objetivo, nada modesto, de questionar as formas romanescas através da subversão dos padrões literários tradicionalmente aceitos.

Sérgio Sant'Anna continua escrevendo e publicando até hoje. Possui diversos livros publicados, transita entre diversos gêneros, mas não nega que sua predileção é pelos contos. Além disso, recebeu diversos prêmios: Prêmio Jabuti por *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (1982), *Amazona* (1986), *Um crime delicado* (1997), *O voo da madrugada* (2003), pelo qual recebeu também o Prêmio Portugal Telecom de

Literatura Brasileira (2º lugar) e, ainda, o Prêmio Clarice Lispector da Fundação Biblioteca Nacional pel' *O livro de praga* (2011)<sup>3</sup>.

Apesar do grande número de obras citadas, neste artigo nos detemos apenas em um conto que faz parte da coletânea *50 contos e 3 novelas*, publicada em 2007. No conto "O sexo não é uma coisa tão natural" (2007), como o próprio título aponta, estão em evidência o sexo e, a partir dele, as relações humanas, os tabus e perversões, além dos limites do que é "normal" ou "natural" nas relações sexuais. Além disso, pode-se inferir que há uma dessacralização do sexo, quebrando seu estatuto religioso cristão de ser somente meio de reprodução das espécies. Há, portanto, o que podemos chamar de profanação do ato sexual.

Em relação à forma, o conto não tem uma estrutura tradicional, na medida em que não narra uma história com início, meio e fim. As reflexões que o narrador tece acerca do sexo são apresentadas de modo difuso e esparso, a partir de um ponto de vista fragmentário. Não há, desse modo, um enredo central, uma história linear.

No conto de Sant'Anna tem-se um narrador considerado pós-moderno, nas proposições de Silviano Santiago (2002), que dirige seu olhar para as possibilidades existentes no mundo contemporâneo, para os prazeres e o espetáculo da vida atual. É o olhar do narrador pós-moderno do conto — fixado no desejo sexual do indivíduo — que movimenta os personagens:

O olhar pós-moderno (em nada camuflado, apenas enigmático) olha nos olhos o sol. Volta-se para a luz, o *prazer*, a alegria, o riso, e assim por diante, *com todas as variantes do hedonismo dionisíaco*. O espetáculo da vida hoje se contrapõe ao espetáculo da morte ontem. Olha-se um corpo em vida, energia e potencial de uma experiência impossível de ser fechada na sua totalidade mortal, porque ela se abre no agora em mil possibilidades. Todos os caminhos o caminho. O corpo que olha prazeroso (já dissemos), olha prazeroso um outro corpo prazeroso (acrescentemos) em ação. (SANTIAGO, 2002, p. 58, grifo nosso)

---

<sup>3</sup> SÉRGIO Sant'Anna. Disponível em:

<<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00441#none>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

Além disso, em determinado momento do conto o narrador inclui-se como participante das ações sobre as quais reflete ou critica. Esta estratégia utilizada por ele induz o leitor a pactuar com suas ideias e reflexões:

[...] Mas outros, como *nós*, cuja subsistência está temporariamente garantida, poderão estar neste momento nos bares que começaram a receber seus fregueses; nos olhares que se trocaram em todos os locais de trabalho, e depois, mais tarde, cumprem-se os desejos e promessas, a satisfação e, mais uma vez, o cansaço. (SANT'ANNA, 2007, p. 207, grifo nosso)

Quanto aos personagens, podemos observar que estes não são nominados — quando muito, são tratados por homem/mulher, ele/ela, macho/fêmea, o que retrata a sua impessoalidade. Essa é outra estratégia que possibilita ao leitor inserir-se no lugar daquele homem ou daquela mulher.

A partir dos personagens também é possível fazer uma leitura do sujeito pós-moderno como sugere Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida* (2000). Segundo o sociólogo, o homem pós-moderno nunca está satisfeito e, portanto, vive a todo o momento em busca de algo. Seu ideal de vida consiste em “[...] buscar sempre, ainda que (ou será porque?) para nunca alcançar plenamente, de seus operadores, o ideal” (BAUMAN, 2000, p. 138).

Sant'Anna articula toda a narrativa através do mecanismo estético da repetição das expressões “e depois”, “e mais e mais” e “e mais ainda”, o que nos leva a perceber que os personagens nunca estão satisfeitos com suas vidas. Assim como observa Bauman sobre o homem pós-moderno, os personagens estão a todo o momento buscando mais:

A nostalgia, então, dos jantares simples, com pão, sopa, arroz, feijão-preto e carne assada, programas de televisão ou de rádio, crianças que rezam antes de ir pra cama. Casais que se amam como antigamente, gerando filhos, olhando-se nos rostos, beijando-se, sem pedir mais do que uma pacata satisfação...

*Que logo acaba e quer-se mais, sim, muito mais e isso movimenta o mundo.*  
(SANT'ANNA, 2007, p. 207, grifo nosso)

Estas repetições ocorrem desde o início da narrativa até o último parágrafo: “E mais e mais: até estarmos todos chupados, exangues, cacos, pelancas, sem nada mais para exalar sobre um leito que os odores da doença e os suspiros brochas dos moribundos” (SANT'ANNA, 2007, p. 210). Além de indicar insatisfação, esse componente estético demonstra o vazio humano, por mais que uns tenham mais (poder de consumo) que outros durante a vida, no fim não sobra nada, não se leva nada, pois o tempo é inexorável, ou seja, tudo é findo — o prazer, as coisas.

No que diz respeito ao pós-modernismo, consideremos o que a pesquisadora e crítica Tânia Pellegrini diz sobre a escrita e a estética de Sérgio Sant'Anna ao analisar a obra *O voo da madrugada* (2003):

[...] uma espécie de súpula de toda a produção do autor, na medida em que aglutina várias das tendências temáticas e estilísticas que vêm marcando a sua produção ao longo do tempo: *a ironia, o humor, o questionamento da representação, o gosto pela experimentação, o lirismo disfarçado, a sexualidade explícita, a subjetividade esgarçada, o fascínio tecnológico, a tímida crítica social, a intertextualidade* — *traços reconhecidamente pós-modernos* [...]. (PELLEGRINI, 2008, p. 104-105, grifo nosso)

Das tendências temáticas e estilísticas pós-modernas observadas por Pellegrini que marcam a produção de Sant'Anna, podemos verificar que três delas são nitidamente aparentes em “O sexo não é uma coisa tão natural” (2007): o gosto pela experimentação, a sexualidade explícita e a intertextualidade.

O gosto pela experimentação fica evidente no conto por meio do hibridismo de gêneros que Sant'Anna busca realizar. A intensificação do hibridismo literário é outra “[...] característica da ficção que se inicia no início da década de 1990, [...] que gera

formas narrativas análogas às dos meios audiovisuais e digitais [...]” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 38).

Sérgio Sant’Anna questiona os limites do gênero ao não trazer para sua estrutura os elementos que são básicos para a composição do conto. Acerca dessa escrita experimental e híbrida de Sant’Anna, Cristóvão Tezza (1997) diz:

[...] podemos falar em ‘experimentalismo’, no que essa palavra tem de descartável: ao perder o senso de unidade e ao trazer para os textos a linguagem crua do ensaio não transpassada pelo ponto de vista de alguém que não é o autor, o texto se dilui em coisa nenhuma — como ensaio, não fica em pé, vítima da frase-feita; como ficção, não toma corpo.<sup>4</sup>

A classificação de “O sexo não é uma coisa tão natural” (2007) como conto é uma das causas do estranhamento. A narrativa não se enquadra nas características desse gênero uma vez que não é possível realizar uma análise tradicional dos elementos da narrativa (enredo, tempo, espaço, etc.). Isto ocorre porque há hibridização do gênero narrativo com o ensaístico, segundo comentário de Tezza, e a partir desta experimentação realizada com maestria por Sant’Anna há o que podemos chamar de dessacralização da estrutura do conto numa concepção mais tradicional; é um conto calcado nos moldes da pós-modernidade.

Reforçando esta tendência, é necessário que conheçamos o gênero do qual Sant’Anna se apropria. Vejamos, portanto, algumas características do ensaio apontadas por Angélica Soares (2004):

---

<sup>4</sup> TEZZA, Cristóvão. *A narrativa envergonhada*. 1997. Disponível em: <[http://www.cristovaotezza.com.br/textos/resenhas/p\\_9708\\_cult.htm](http://www.cristovaotezza.com.br/textos/resenhas/p_9708_cult.htm)>. Acesso em: 22 ago. 2015.

Para o ensaio, não há um tema predominante: vai desde a impressão causada no artista por sua própria personalidade ou pela de outrem, até a apreciação ou o julgamento de diferentes realizações humanas, e pode também se limitar à descrição de fatos. [...] De uma coisa, porém, ele não abre mão: de seu caráter crítico, que se separa para distinguir, e assim caracterizar o objeto para o qual se volta através de um exame tão racional quanto apaixonado [...]. (SOARES, 2004, p. 65-66)

Estas características ensaísticas podem ser notadas desde o início da narrativa:

Mas como é possível, penetrar num corpo que não é o seu próprio, e ali permanecer, dentro de entranhas, visgos, líquidos, paredes vermelhas que se ajustam como luvas e, ainda mais, dão prazer?

Ou então, para ela, a mulher, ser trespassada por um osso que não é bem osso, sangue misturado com a carne, cartilagens, contraindo-se e dilatando-se a comandos invisíveis, como se infringíssemos os limites das leis?

E depois soltar líquidos, fertilizar no desespero do gozo, o que, por sua vez, fará gerar outros seres dotados do mesmo trêmulo desespero? (SANT'ANNA, 2007, p. 205)

Outra tendência pós-moderna que, segundo Tânia Pellegrini (2008), perpassa a produção de Sant'Anna ao longo do tempo é a intertextualidade. Acerca desta tendência, Linda Hutcheon afirma: a "intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto" (1991, p. 157). Sant'Anna traz algumas referências intertextuais explícitas na narrativa, como podemos perceber em:

Moços, velhos, e ambos os sexos, indistintos como anjos, demônios, seres bestiais entre fugas e perseguições. Mas todos também dotados desse poder de espadas ou cofres de veludo, a devassarem-se impudicamente, trespassando-se de mil formas, entre gritos e risos, ou mesmo rostos impassíveis, uma obra de *Hieronimus Bosch*. (SANT'ANNA, 2007, p. 206, grifo nosso)



Neste trecho, Sant'Anna cita o holandês Hyeronimus Bosch (1450-1516), que viveu na Baixa Idade Média, pintor cujos trabalhos retratam cenas de vícios, pecados e tentações. Não ao acaso se inclui este intertexto no conto, pois Bosch retrata em muitas de suas telas a luxúria, assim como Sant'Anna faz na citação acima.

O artista pinta constantemente em suas obras orgias, o caos, a satisfação carnal. As cores utilizadas recorrem com frequência aos tons quentes de vermelho e amarelo, e há alguns símbolos que podem ser considerados próprios da luxúria, como o vinho e frutos vermelhos. Um exemplo dessas características é o quadro intitulado *Os Sete Pecados Mortais e Os Quatro Novíssimos do Homem*, que além do que já descrevemos, insinua relações homossexuais, tema também abordado no conto.

Além disso, o texto de Sant'Anna traz outras referências explícitas, como, por exemplo, a mitologia grega quando evoca Eros, o deus do amor, e o mito de Medeia. Faz referência, ainda, à Bíblia em “[...] apenas vagas imensas onde nos espreitam baleias bíblicas que nos vão engolir [...]” (SANT'ANNA, 2007, p. 210), alusão à história bíblica de Jonas, que foi engolido por um grande peixe, que se presume uma baleia.

Das tendências temáticas observadas por Pellegrini (2008) na obra de Sant'Anna, a sexualidade é a que mais marca o conto. Lindomar Lima e Maria Menegazzo (2015) afirmam que a exploração da sexualidade

[...] ocorre de forma intensa em toda a obra de Sant'Anna. O desejo sexual frequentemente atua como estímulo básico ao movimento das figuras que povoam seus textos. A busca e a vivência de um contato físico erotizado são dessa forma o principal ponto de partida para que as relações humanas sejam colocadas em questão. (LIMA & MENEGAZZO, 2015, p. 08)

Assim, o tema central do conto é o sexo e as relações humanas que se articulam a partir dele, porém podemos destacar ainda alguns desdobramentos dentro dessa temática central, como: a animalização do sexo — “[...] Que ele goze egoísta e gemendo e depois role para o lado, como uma besta. E ela ama e protege, a esse bicho [...]”

(SANT'ANNA, 2007, p. 205); o sexo como pausa, desvio da rotina, dos problemas do cotidiano — “E depois é recompor-se para mais um dia, novos banhos, roupas limpas, o trabalho, a batalha das ruas” (p. 206), e a busca desesperada pelo prazer — “Mas quer-se mais, cada vez mais, ainda que seja o prazer junto à dor” (p. 205).

Há ainda outras ramificações da temática, que tratam de temas ainda considerados tabus em nossa sociedade e que são colocados em pauta na narrativa. É o caso dos desejos mais íntimos, que nem todos revelam ou sobre os quais não conversam naturalmente, da banalização do sexo e da propaganda pornográfica e do homossexualismo, que sempre envolve muita polêmica e receio. Muitos homossexuais não assumem sua sexualidade em virtude da sociedade machista e, ainda, preconceituosa, como verificamos no trecho: “[...] ‘Comigo, não — comigo não pode acontecer’. Mas logo depois aquele impulso mais forte, abrir a camisa, afagar-se no peito onde deveriam estar os seios” (SANT'ANNA, 2007, p. 209).

Além dos traços observados por Pellegrini podemos verificar que outras tendências nitidamente pós-modernas podem ser destacadas em “O sexo não é uma coisa tão natural” (2007), dentre as quais o discurso fragmentário, a ficção urbana e a violência.

Em *A ficção contemporânea urbana (1970 a nossos dias)* (2004), Sergius Gonzaga aponta que uma das tendências essenciais que configuram a atual produção ficcional brasileira é o rompimento com a linearidade narrativa e o abandono de toda a pretensão de uma concepção totalizante e lógica do mundo e da realidade. Já dissemos que, no conto, o narrador tece reflexões, mas ao mesmo tempo introduz a voz do personagem, como podemos observar no trecho destacado abaixo. Isso caracteriza o discurso fragmentário:

E depois desse que teve à noite, deseja, pérfida, a mulher, um outro mais cruel, se este último foi bonzinho. Ou então, pelo contrário, aquele que ela presumirá gentil e carinhoso, se foi o último o bruto.

*Ah, que me afague e me console, como um paizinho. E se o seu sexo também me corta, ele o faz de um modo tal que é como se não o fizesse, preparando-me com murmúrios incompreensíveis [...]. (SANT'ANNA, 2007, p. 206, grifo nosso)*

Pode-se dizer, assim, que pelas elucubrações do narrador não há uma concepção totalizante e lógica do mundo, pelo contrário, o narrador mostra uma visão realista e pessimista da situação humana com relação ao sexo, em que a luxúria e a liberdade não têm regras nem limites, onde não existe moral nem ética, onde tudo pode e tudo é permitido, o que gera um verdadeiro caos. Podemos verificar isso em:

Moços, velhos, e ambos os sexos, indistintos como anjos, demônios, seres bestiais entre fugas e perseguições. Mas todos também dotados desse poder de espadas ou cofres de veludo, a devassarem-se impudicamente, trespassando-se de mil formas, entre gritos e risos, ou mesmo rostos impassíveis [...]. (SANT'ANNA, 2007, p. 206)

Outros dois traços que marcam a literatura brasileira contemporânea são a presença constante do cenário urbano nas narrativas e a representação da violência.

Ao analisar as múltiplas possibilidades da prosa contemporânea, Resende (2008) sugere que talvez o tema mais evidente na cultura produzida no Brasil contemporâneo seja o da violência nas grandes cidades, o qual pode ser observado por inúmeras facetas, sendo uma delas a violência sexual, que se revela no conto analisado:

[...] saias levantadas junto a muros e postes; bonecas estripadas numa necropsia infantil; graves brincadeiras de médico; estupros dentro de carros, matagais, a lâmina de um punhal que faz escorrer, na ânsia, um fino filete vermelho de um pescoço branco [...]. (SANT'ANNA, 2007, p. 209-210)

Já Pellegrini (2001) observa que o que acontece na nossa literatura contemporânea “[...] é a ficção centrada na vida dos grandes centros urbanos, que incham e se deterioram, daí a ênfase na solidão e angústia relacionadas a todos os

problemas sociais e existenciais que se colocam desde então” (PELLEGRINI, 2001, p. 5). Vejamos o trecho:

[...] Na cidade há um monte de fêmeas e machos andando de um lado para o outro, faz calor e o ruído dos carros é insuportável, entre vapores quentes que sobem do asfalto. Alguns desses machos e fêmeas estão absorvidos de um modo tal na substância que mal se olham no rosto ou no corpo, ou aquele olhar que vai direto entre as pernas. (SANT’ANNA, 2007, p. 207)

Apesar de não ser possível precisar o espaço em que se passa a narrativa, pode-se afirmar que o cenário é urbano, o que é um traço comum nas narrativas contemporâneas.

Sant’Anna, com sua escrita híbrida e experimental, com seu vocabulário escatológico e ao mesmo tempo rico, com sua literatura intensamente reflexiva e crítica, que transforma o que estava estático, acomodado, aborda temáticas e conteúdos vistos, muitas vezes, como grandes tabus e o faz com naturalidade e maestria.

Sua literatura é de uma diversidade apreciável ao mesmo tempo em que cria, se apropria, desestrutura as formas literárias tradicionais mesclando gêneros. Reafirmando essa literatura híbrida, Liane Bonato (2003) enfatiza:

[...] a obra de Sérgio Sant’Anna vem desconstruir, desmistificar, desmascarar ilusões e tabus, conceitos, preconceitos e condicionamentos numa abordagem de temas e problemas sócio-políticos e culturais, fazendo emergir através de diferentes níveis narrativos, os silêncios e as omissões, gerando ambiguidade, subvertendo o discurso hegemônico, abalando as certezas monolíticas, desconstruindo previsibilidades [...]. (BONATO, 2003, p. 172)

Sant’Anna apenas retrata a realidade, fragmentada e em alta dosagem, através de variadas linhas temáticas dentro da narrativa, sem pudores e sem “medir” as palavras. Dessa forma, mesmo tendo iniciado sua carreira de escritor na década de 60,

Sérgio Sant'Anna pode e deve ser considerado um dos maiores nomes no que diz respeito à literatura contemporânea ou, ainda, à literatura pós-moderna.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BONATO, Liane. "Sérgio Sant'Anna e o conto brasileiro contemporâneo". In *Revista Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 34, p. 171-182, jul./dez. 2003. <[http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista34/art15.pdf?origin=publication\\_detail](http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista34/art15.pdf?origin=publication_detail)> Acesso em 20 ago. 2015.

BRANDILEONE, Ana Paula Nobile. "Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos". In BRANDILEONE, Ana Paula Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva (Org.). *Desafios contemporâneos: a escrita do agora*. São Paulo: Annablume, 2013. p. 17-33.

GONZAGA, Sergius. *A ficção contemporânea urbana (1970 a nossos dias)*. In <<http://educaterra.terra.com.br/literatura/litcont/2004/02/05>> Acesso em 25 ago. 2015.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, Lindomar Cavalcante de Lacerda; MENEGAZZO, Maria Adélia. "Sérgio Sant'Anna: um realismo erótico". In Congresso de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul, 3., Encontro de Pesquisa na Graduação em Letras, 4., Encontro de Pesquisa na Pós-Graduação de Letras, 1., 2007, Dourados. *Anais...* Dourados: UEMS, 2007. <<http://www.uems.br/cellms/2008/documentos/32%20-%20SERGIO.pdf>> Acesso em 21 ago. 2015.

PELLEGRINI, Tânia. "Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência?" In *Novos Rumos*, Marília, ano 16, n. 35, 2001.

\_\_\_\_\_. "O outro lado do espelho: o simulacro na ficção de Sérgio Sant'Anna". In \_\_\_\_\_. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

RESENDE, Beatriz. "Expressões da literatura no século XXI". In \_\_\_\_\_. *A literatura brasileira na era da multiplicidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 15-40.

SANTIAGO, Silviano. "O narrador pós-moderno". In \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 47-50.

SANT'ANNA, Sérgio. "O sexo não é uma coisa tão natural". In \_\_\_\_\_. *50 contos e 3 novelas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 47-50.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Submetido em: 09/03/2016

Aceito em: 28/03/2016